

Transformações da linguagem: a gíria “curtir” e as conjunções adversativas – dois estudos

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo versa sobre dois importantes casos de transformações da linguagem: como a gíria “curtir” passou a expressar aspectos do clássico conceito de *theoría* (no sentido de *contemplatio*) e o processo de formação da metáfora. O segundo caso volta-se para as etimologias de nossas conjunções adversativas

Palavras Chave: Metáfora. gíria “curtir”. etimologia. adversativas.

Abstract: This article discusses two cases of transformations of language: how Brazilian slang “curtir” expresses some attitudes related to classic concept *theoría* (in the sense of *contemplatio*) and the way metaphorical thought works. In part two, it examines etimologies of adversative conjunctions.

Keywords: Metaphor. etymology. slang “curtir”. adversative conjunctions.

I – A gíria “curtição”

Falar de “modo gráfico”

Em espanhol, para referir-se a uma explicação clara, à metáfora acertada, diz-se: “*de modo gráfico*”, “*de modo muy gráfico*”: “o modo de falar, que expõe as coisas com a mesma clareza do desenho” (*Dicc. de la Real Academia*). O segredo de uma grande aula, de uma boa conferência, mais do que a erudição (ou em interação com ela...) é precisamente a oportuna presença do concreto: que o interlocutor possa “ver” o que está sendo exposto – e essa “imagem” (verbal) vale mais do que mil palavras (não “gráficas”).

Trata-se de um falar *picturable*, como dizia o escritor Grant Allen (2006), no século XIX: “A metáfora, proporcionando uma representação *picturable*, frequentemente nos permite agarrar a realidade de que se fala de modo muitíssimo melhor do que o mais solene argumento” (Chapter XVI). Não é por acaso que a sabedoria da língua espanhola identifica “mostrar” e “ensinar” em uma só palavra: *enseñar*: só quem mostra o concreto, ensina.

No Alcorão, nos ensinamentos de Buda, na tradição chinesa... não encontraremos elocubrações abstratas, mas imagens: de Cristo, dizem os evangelhos que Ele só falava em metáforas (*mashalim*) e parábolas (Mt 13, 34; Mc 4, 34).

Um exemplo de como uma situação complexa é atendida por felizes metáforas, em diversas línguas: convidam-me para um programa – assistir a um filme, participar de uma banca, escrever um artigo etc. – sobre tema que não é de minha especialidade, a respeito do qual não me sinto à vontade ou de que simplesmente não gosto. Por outro lado, não me erijo em dono da verdade e respeito o gosto e as preferências de quem me convida. A forma adequada nessa delicada situação é recusar dizendo, com a genial gíria carioca: “Não é minha praia!”. “Desculpe, mas filme de alienígenas, não é minha praia.” Firmemente recuso, mas expresso respeito e tolerância: não estou dizendo que a minha praia é a melhor nem que é a única, mas é a “minha”, dá licença?

O sugestivo equivalente em inglês é: “*It is not my cup of tea*”. “*Sorry, soccer it is not my cup of tea*.” Para a mesma situação, em Espanha está a expressão “*no es*

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

santo de mi devoción”. Sim, há milhares de santos na Igreja, todos admiráveis, mas ninguém pode cumprir as obrigações de devoto, senão para com quatro ou cinco. No meu caso, eu fico com S. Expedito, S. Longuinho e Sta. Edwiges (a dos inadimplentes). Desculpe, mas prefiro não participar da banca sobre a obra de John Thinker Writer, conheço pouco a obra dele e “*no es santo de mi devoción*”. Não preciso entrar no mérito do autor, nem dizer se acho que ele é superficial ou picareta...

A metáfora do curtir

Com isto, voltemo-nos para uma de nossas mais maravilhosas metáforas: curtir, curtição, hoje praticamente confundida com o mero gostar. Para além de gostar, curtir envolve processo longo, lento (*lentus* = brando), demorado e *de-vagar*: o processo de curtição lentamente amacia o couro e o preserva da decomposição.

Assim, não é de estranhar que seja a metáfora perfeita para o eminente prazer da contemplação: artística, religiosa, amorosa etc. O tempo parece que não passa para os pais jovens que “babam”, paralisados, contemplando seu bebê. E o mesmo para quem se extasia diante de um quadro maravilhoso ou entrevê a presença do divino. Curtir é *enjoy*, etimologicamente *in-joy*, imersão na alegria; e em inglês contemplar é *behold*, estar suspenso, subtraído ao fluir do tempo.

Pois, a contemplação – que, afinal, traduz o grego *theorein*, *theoría*, significando visão, simples visão – é um ver com olhar de amor, um ver que se entrega concentradamente ao objeto, como diz o filósofo Von Hildebrand: “na ausência de tensão de futuro”. Tal como o faz Caetano, no verso da antiga canção “Força Estranha”, que diz que esse encantamento suspende o correr das horas: “O tempo parou para eu olhar...”. Um olhar contemplativo que se volta para o simples, o cotidiano: “o menino correndo”, “a mulher preparando outra pessoa...” Assim, a canção resgata um importante aspecto clássico dessa estranha força: o de que a contemplação não se exerce sobre o inusitado, o estapafúrdio, mas sobre a realidade que está aí diante dos olhos todos os dias.

Ou, como diz Adélia Prado (2008): a contemplação se dá sobre o feijão, a água: “Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo.”

Já no começo do Grande Sertão, Riobaldo compara o agir de Deus à curtição, ao contrário do diabo, ruidoso e abrupto:

É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro – dá gosto ! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. – “Amanhã eu tiro...” – falei comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, saiba: no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sendo roído, quase por metade, por aquela aguinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma da tarde, aí: da faquinha só achava o cabo... O cabo – por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende... (Guimarães Rosa, 20-21)

A suspensão do tempo no ato contemplativo é objeto também de antigas lendas, como “O Monge e o passarinho”, das *Cantigas de Santa Maria*, de Alfonso X,

o Sábio, no século XIII. O monge rogou a Nossa Senhora que lhe mostrasse como é o Paraíso. Ao final da oração, em um jardim, apareceu um passarinho e o monge ficou extasiado, ouvindo seu mavioso canto. Quando voltou ao mosteiro, não reconheceu o edifício nem os confrades: sem que ele se desse conta, haviam passado “*grandes trezentos anos, ou mays cuidando que non estevera senon pouco*”.

Uma maravilha da língua Tupi

Essas considerações ligam-se a uma – tão importante quanto injustamente esquecida – tese de Tomás de Aquino: Deus cria brincando, o brincar de Deus, como fundamento da necessária realidade do lúdico na vida humana. Procurei desenvolver esse tema no artigo “O Lúdico no pensamento de Tomás de Aquino...” (www.hottopos.com/notand7/jeanludus.htm) e em recente vídeo aula (<https://www.youtube.com/watch?v=7-i1T1fJsUU>).

Tomás afirma a estreita relação do brincar com a contemplação², “*sapientiae contemplatio convenienter ludo comparatur*”: em ambas se dá um deleite que tem um fim em si mesmo. E foi com surpresa e emoção que, estudando a língua tupi, deparei-me com a maravilhosa etimologia da palavra tupi para brincar, *nhemosaraî*: esquecer-se de si! Subtrair-se ao tempo! (Navarro 2013, verbete)

Cabe aqui uma notável observação de C. S. Lewis (1991). Em *The four loves*, ele distingue “prazer de necessidade” de “prazer de apreciação”. O primeiro (*need pleasure*) requer uma preparação: só é prazer porque antes ocorreu algo, uma etapa preliminar que o estabelece como necessidade. Por exemplo, beber água depois de horas ao sol: saciar a necessidade converte-se em um prazer. E quanto mais sedenta estiver uma pessoa, mais sentirá prazer ao beber. Os prazeres de necessidade morrem em nós bruscamente: depois de ter bebido, a garrafa já não desperta o menor interesse; o cheiro do churrasco, irresistível para quem está com fome, já não é nada depois de o ter comido. E Lewis conclui com seu humor britânico, aludindo ao alívio fisiológico: “E me perdoem por referir-me ao mais extremo dos casos, não houve momentos para a maioria de nós (numa cidade estranha) quando a palavra ‘Homens’ sobre uma porta despertou uma alegria praticamente digna de ser celebrada em versos?” (Chapt. 2 Likings...)

Bem diferentes são os prazeres de apreciação. O *pleasure of appreciation* é um tipo de prazer que nos faz apreciar algo sem preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto. O amor apreciativo leva a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada (ou desinteressada...). Alguém que contempla uma bela paisagem ou é surpreendido por um encantador aroma de flores, não apresenta qualquer traço de amor interesseiro; da mesma forma, o conhecedor de vinhos aprecia o vinho de tal forma que se pode dizer que sente por ele um amor apreciativo. Ele consideraria um verdadeiro pecado que o finíssimo vinho fosse profanado por um paladar despreparado, que não o saberia valorizar. Independentemente de desfrutar desse prazer, ele quer preservar seu valor e não quer desperdiçá-lo: mesmo em seu leito de morte, espera que seu sabor seja preservado para sempre, ainda que ele mesmo não possa mais apreciá-lo. Está ligado à contemplação, à *theoria* (*contemplatio* é a tradução latina de *theoria*).

². Ubi considerandum est, quod sapientiae contemplatio convenienter ludo comparatur, propter duo quae est in ludo invenire. primo quidem, quia ludus delectabilis est, et contemplatio sapientiae maximam delectationem habet: unde Eccli. 36 xxiv, dicitur ex ore sapientiae: "Spiritus meus super mel dulcis". Secundo, quia operationes ludi non ordinantur ad aliud, sed propter se quaeruntur. Et hoc idem competit in delectationibus sapientiae. (In Boet. de Hebd. Lc-).

De modo genial, Lewis liga a distinção entre os prazeres - os de necessidade e os de apreciação - a fatos da linguagem: nestes, a tendência é a de nos referirmos ao objeto e no presente (no atemporal da *theoria*) “Olha, que cheirinho bom é este”, “Como é maravilhoso este vinho” ; naqueles, enfatizamos o sujeito e falamos no passado “Ufa! eu precisava disto”, diz o sedento, passando a mão na boca após beber.

Mais uma sugestiva observação de linguagem, esta procedente de Pieper (1979, 13). Nesse seu notável panegírico do ócio, comentando a sentença aristotélica “Estamos não ociosos para ter ócio”, Pieper faz notar que tanto em latim como em grego o fundamental, o positivo é a *skholé*, o ócio, e que essas línguas só dispõem de formas negativas para a ocupação, o não ócio, o negócio, *neg-otium*.

Curtir: do negativo para o positivo

Ao fazer esta pesquisa tive duas grandes surpresas: a de que a metáfora do curtir é muito antiga e a de que originalmente voltava-se para o negativo (“o criminoso vai curtir 20 anos de cadeia” ou “vai curtir seu deserto, vai!” da canção *Regra Três*, de Vinicius - 1972) – e só recentemente passou a expressar prazeres, aplicação que me parece muito mais apropriada.

Assim, no acervo do *Estadão*, encontramos em 27/06/1877: “constrange-o a curtir acerbas vergonhas”. E em 28/09/1882: “Os pobres homens que ousaram levantar a ‘grimpa republicana’ em semelhante terra hão de curtir amarguras”. E por aí vai: “curtir dores”, “curtir as penas divinas”, “curtir varios annos de prisão” etc. Em 20/09/1970, em página inteira do “Suplemento Feminino”, dedicada a explicar para os pais as novas gírias dos adolescentes aparece a nova orientação do curtir. “Curtir: Viver uma situação é curti-la. Curtir um barato é sentir os efeitos de alguma coisa (droga, uma música moderna, qualquer boa experiência sensorial)”.

Alguns verbetes do Dicionário para os “coroas” do
“Suplemento Feminino” do Estadão, 20/09/1970
(destacamos 25 das 70 gírias listadas no artigo, algumas
permanecem até hoje)

Alto – bêbado ou drogado
Bater caixa – bater papo
Bicho – cara
Bidu – adivinhão
Birita – bebida alcoólica
Corta essa
Cuca – cabeça. Fundir a cuca – ficar desorientado
Dar bandeira
Dar o pinote – cair fora
Estar a fim
Estar a perigo
Estou na minha / qual é a dele?
Filar – serrar, pedir algo a alguém
Furado, papo furado
Grilo, grilado – cisma
Grupo (dar um, passar um) / engrupir – enganar alguém
Já era

Jóia – legal
Ligado / Desligado – atento / desatento
Macete
Muito louco – o máximo, a glória
Nessa altura do campeonato
Prensa – aperto
Sem essa
Tirar de letra

Na década de 70, “curtir” já é usado quase cem por cento como positivo, com uma ou outra exceção, como “curtir sua ressaca na prisão” (13/04/73).

Passados quase 50 anos e com a pressão das milhões de postagens diárias no Facebook, essa tendência ao positivo, felizmente, parece ter se absolutizado. Infelizmente, porém, sujeita ao empobrecimento de mero equivalente de gostar, sem preservar a riqueza original, que apontava para um processo longo de saborear o encanto do real.

II – Mas, porém, contudo, todavia...

Caprichos da linguagem

O uso quotidiano por milhões de falantes ao longo do tempo, produz fenômenos semânticos curiosos: expressões aparentemente absurdas ou que perdem a transparência da etimologia ou que podem significar algo e também seu oposto; etc.

Salada deriva, evidentemente, de sal; mas, por conta do fator “mistura de elementos diferentes”, falamos em “salada de frutas”, ainda que ninguém vá adicionar sal a essa salada.

Nossa tendência a intensificar nos leva a empregar a expressão “muito honesto” (mais de 100000 ocorrências no Google, sem contar o feminino “muito honesta”) e não reparamos que a rigor, enfraquecemos o elogio ou a recomendação: se eu digo de uma faxineira que é “muito honesta”, abro a possibilidade de desconfiança: não afirmei que ela fosse totalmente honesta... Do mesmo modo, não cabe falar em “mais definitivo”: ao afirmar que vamos fazer um provisório reforçado, pois assim fica “mais definitivo”, na verdade estamos negando o caráter cabal, ultimado e categórico que define o definitivo... O mesmo vale, por exemplo, para “o mais absoluto sigilo”; absoluto não admite, a rigor, mais nem menos... Ou para um suco de frutas natural: se é natural, é natural e ponto final: não cabem “muito”, “tão” etc. Para não falar do humor macabro do tradicional *corrido* mexicano “Rosita Alvérez”, no qual Rosita recusa-se a dançar com Hipólito e este, ofendido, saca a pistola e dispara:

La noche que la mataron
Rosita estaba de suerte:
de tres tiros que le dieron
no más uno era de muerte.

Em muitos casos, o sentido fica por conta de algo subentendido. “Absolutamente” no Brasil é negativo: de modo algum! Já em Portugal é afirmativo (Houaiss): sem dúvida que sim. David Crystal faz notar a diferença dos “obrigados”

em inglês e em francês: se em um bar o garçom pergunta se quer um café e você diz: *Thank you*, o café virá em poucos minutos; já para o francês, *Merci*, o café não virá nunca (este é “obrigado, não”; aquele é “sim, obrigado”). E o “*por favor*” espanhol, muitas vezes é sinal de impaciência ou insistência: já é o terceiro atraso, queixa-se o cliente para o mecânico “*C*%&! cuándo estará listo, por favor!?*”

Um empobrecimento – que alguns colegas já têm apontado – é o que está ocorrendo com “literalmente”, sendo usado também no sentido de “não literalmente”. Além do uso normal (“esse é o tipo de coisa que literalmente me tira o sono”), vejo em um site de esportes o convite a votar na enquete: “Ponte Preta está literalmente com a macaca na série B 2014?”. A Ponte metaforicamente é conhecida como Macaca, pois, vez por outra, apronta caprichosos imprevistos, derrotando inesperadamente grandes times. Mas é impossível a desmetaforização pois não se trata de estar, ao pé da letra, *com a macaca*. E “literalmente” vai perdendo seu sentido específico e se tornando simplesmente uma mera forma enfática, como na sentença que lemos em um site de política: “O vereador Fulano ficará literalmente numa saia justa se o partido a que pertence ingressar na base de apoio ao prefeito”.

Mas nem sempre podemos pretender aplicar o rigor da lógica formal à gênese e ao uso de expressões da linguagem comum, que tem sua dinâmica própria, mais ligada à vida do que a teoremas. Um site de dúvidas gramaticais está coberto de razão quando responde à questão: “Ele sempre escolhia a ‘metade maior’. Pode?” “Não. Não pode. Se é metade, é metade. Não existe metade maior ou metade menor. É uma questão de lógica, que não admite aproximação. Meio é meio. Seria melhor dizer que ‘Ele sempre escolhia o maior pedaço’ ou ‘Ele sempre escolhia a maior parte’” (<http://gramaticaequestoesvernaculas.blogspot.com.br/2014/02/ele- sempre-escolhia-metade-maior-pode.html>). Mas com essas “soluções”, perdemos um importante elemento semântico: quando o netinho se queixa com a avó que seu priminho pegou a “metade maior”, há aí uma revolta (não consciente, mas real): ele não se conforma com o fato de a divisão da torta não ter sido feita em partes iguais nem com a falta de presença ativa da avó na hora do fato consumado (ou consumido...): para o agudo senso de justiça infantil, houve realmente uma metade maior...

A linguagem tende a perder transparência: dizemos colar, colarinho, coleira, torcicolo e tiracolo e não reparamos em que derivam de colo, pescoço (daí que seja incompreensível, à primeira vista, a expressão “sentar no colo”). E há expressões que originalmente surgem como combinações de duas mais antigas e – por ênfase ou eufemismo – unem-se numa opaca nova forma. Assim, “tremendo nas calças” (cerca de 200 ocorrências no Google), parece ser a forma atenuada do medo em “c. nas calças” combinado com “tremendo nas bases”. Louvando o técnico de basquete Pat Riley, “que deixou o Miami tinindo”, dizia um antigo artigo da Folha: “os times que desembarcam hoje na Flórida o fazem tremendo nas calças”. E num site de esportes do UOL “No jogo do último sábado, no Monumental de Nuñez, quando o time brasileiro entrou em campo tremendo nas calças, ninguém jogou bola do lado canarinho”. “De jeito maneira” (mais de 30000 ocorrências no Google) combina enfaticamente: “de jeito nenhum” com “de nenhuma maneira” e a criativa “inacreditável” (2000 no Google) mistura incrível com inacreditável. Um último exemplo: “marcando toca” resulta talvez da fusão de “marcar bobeira” com a equivalente antiga “dormir de toca”... E “vai te catar” parece combinar “vai se f.” com sua equivalente, atenuada por metáfora, “vai catar coquinho”...

O princípio de que para bom entendedor, meia palavra..., junta-se à lei do mínimo esforço. Assim, para situações maçantes (“Aula de três horas sem intervalo é um pé / é dose”) acabamos por dizer simplesmente: “foi um pé” ou “é dose”, dispensando as fórmulas completas originais, que explicitavam a ação contundente do

pé sobre partes sensíveis do corpo ou porções para elefante, cavalo ou outros animais de grande porte. Também a expressão “Tá me tirando” (cerca de 100000 ocorrências no Google) torna-se enigmática ao dispensar as formas originais “tirar pelo” ou “tirar sarro”, já bastante esquecidas.

Essas e outras transformações que vão tornando a linguagem opaca e enigmáticas as etimologias, ocorrem também com as nossas adversativas. Aqui, apresentaremos alguns exemplos que possam apontar para o sentido original.

“Todavia” é etimologicamente “toda a via”, que no português arcaico significava: “completamente, constantemente”. Como nos maldosos versos do século XIII de João Garcia de Guilhade, tantas vezes citados:

“Ai dona fea! Foste-vos queixar
Que vos nunca louv'en meu trobar
Mais ora quero fazer un cantar
En que vos loarei **toda via**
E vedes como vos quero loar:
Dona fea, velha e sandia!

O *todavía* espanhol passou a significar “ainda” e é bem compreensível em sua forma negativa, como desculpa, por exemplo, a ser dada por aquele mecânico do exemplo acima, indagado pelo furioso cliente se o carro finalmente ficou pronto: “*Todavía no*”, não ainda, não completamente, dando a entender que está quase...

O sentido originário em português, “toda-a-via” (haverá influência disso na forma interiorana “toda a vida”: como no disco da banda Tubaína: “Segue em frente toda a vida, mas pare em Birigui”?) permanece no inglês “all the way”, como na canção de Frank Sinatra: “When somebody loves you/ It’s no good unless she loves you /All the way”. “All the way” é completamente, cabalmente, com tudo.

E assim, meio sem querer, viemos dar com outra forma: contudo (com-tudo). Na verdade, a adversativa não é simplesmente “oposto, contrário a; adverso” (Houaiss / Aurélio); o que realmente ocorre é que, em todas essas formas, reconhecemos a força do conjunto (“toda a via”) dos argumentos contrários (note-se que também “embora” aponta para plenitude: a boa hora, a hora boa, que consuma). Contudo, mesmo consciente desse todo contrário, há um aspecto *mais* (e “mas”, em sua etimologia, é precisamente “mais”). Aspecto que se opõe (adversativa) àquela massa de razões que concedemos. “Mas”, é um “sim, mas”: um acréscimo que contraria a base com a qual se concorda: tudo bem, só que... (este só também funciona como adversativa: uma única razão que derruba todas as contrárias, como o neutro “*lo único*” em espanhol: *Lindo y comfortable; lo único es que se encuentra alejado del centro*).

Um exemplo. Querem me vender um carro muito bom: potente, bonito, com os melhores acessórios etc. Concordo completamente com o que o vendedor diz; “com-tudo” o preço é exorbitante... As razões do vendedor são verdadeiras e de peso e embora as pondere (a-pesar delas...), e as aceite (*sin embargo*), isso não obsta (não obstante) a minha recusa, pois o quesito preço é decisivo.

Nessa categoria, cabe igualmente o recurso à contraposição entre os argumentos pelo fator tempo, com “agora”, “depois” ou “antes”. No primeiro caso, prevalece este fator [“agora”] sobre o que o vendedor [anteriormente] me apresentou: “Sim, o carro é potente, bonito e tal; *agora*, por esse preço não dá...” Em alguns casos, pode-se usar “depois”, como naquele bate boca entre o Pânico e Luana Piovani. O próprio marido, Scooby, tinha postado fotos da mulher nua e o Pânico abordou o casal na praia, o que causou fúria e ameaças por parte de Luana. Ao discutirem essas fotos

no programa, Nicole Bahls foi logo dizendo: “Ai, gente, *depois* eu é que sou piranha!”. Ou seja, a evidência do fato presente nem se compara à (“injusta”) fama que insistem em projetar no futuro [depois]... Em outros exemplos, podemos empregar até mesmo “antes” (como categoria originária e duradoura, que prevalece): “Isto, mais do que uma tese de doutorado, é antes um amontoado de citações desconectadas”.

O bloco de razões que, etimologicamente, o contudo e o todavia reconhecem (para depois acrescentar algo que o contraria), também está presente na adversativa “mas”. “Mas” é originariamente mais. Sim, admito o valor do que você falou, mas há *mais*, há algo mais que deve ser considerado. “Larga já esse video game, já são onze horas e amanhã você vai ter que acordar cedo para ir para a escola etc.”. A criança ameaça responder: “Mas...”. “Nem mas, nem meio mas!” (não há “mais” algum a ser ajuntado ao que a mamãe disse) “É assim e ponto final! Assim, sem mais!”. Posso até sentir muito, ficar desolado (malgrado...), mas é assim que tem que ser.

O etimológico “mais” no mas pode ser advertido em usos como: “Torci pelo Corinthians na final do mundial contra o Chelsea. Sou palmeirense, mas [mais] sou brasileiro”. “Claro que gosto de doces, mas preciso cuidar da diabetes”, a atenção à doença é mais importante do que um gostinho caprichoso... “Eu respeito religiões super discutíveis, mas quero que respeitem a minha”. Ou ainda na expressão “tem mais é que” (que, sugestivamente, em Portugal é: “tem *mas* é que”), como quando se diz: “ele tem ma(i)s é que mofar na cadeia”.

Menos clara é a passagem para o uso atual do sentido originário de porém, *por ende*, que significa *por isso*, *portanto* (segundo alguns estudiosos, *por ende*, teria assimilado o valor da negação, passando a expressar uma contração). A transformação de porém é semelhante à do espanhol *pero*, originariamente *per hoc*, por isto. O sentido primitivo deixa-se entrever em sentenças como: “Vou ao velório e ao enterro, porém não à missa de sétimo dia” (cumprir as primeiras obrigações, portanto dispense-me da última). “Sou muito tolerante e aceito críticas a mim; não, porém, [não por isso] ofensas à família.”

Concluimos, seguindo os jogos de linguagem de Mart’ália em sua canção “Entretanto” (adversativa, entre tantas coisas, nesse meio tempo...): se ao longo dos séculos, perdemos a transparência do sentido originário das expressões, devemos sempre buscá-la, entretanto.

Referências

- Grant Allen, C. **Post-Prandial Philosophy**. The Project Gutenberg EBook. 2006 <http://www.gutenberg.org/files/18788/18788-h/18788-h.htm>. Acesso em 4-7-15.
- Guimarães Rosa, J. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- Lewis, C. S. **The four loves**. New York: Hartcourt, 1991.
- Navarro, E. de A. **Dicionário Tupi antigo**. São Paulo: Global, 2013.
- Pieper, J. **El ocio y la vida intelectual**. Madrid: Rialp, 1979.
- Prado, Adélia “Sempre um Papo”, programa da TV Câmara, 06-08-08, que se encontra em: <http://www.sempreumpapo.com.br/audiovideo/player.php?id=127>. Acesso em 4-7-15.